

Uma palavra com o autor

A Talk with the Author

Luiz Guilherme Santos Neves*

Neste¹ encontro *Uma Palavra com o Autor*, promovido pelo SESC Vitória, cujo convite desde logo agradeço, como agradeço também a Márcia Selvátici Tourinho a intermediação que aceitou fazer, creio que seja natural que atenda à palavra que de mim se espera e comece falando do livro que lancei no ano passado, *Navegação em torno da Ilha Vislumbrada*, até porque será sorteado aqui entre os presentes.

Mas falar o quê, fiquei pensando. E falar sem bancar o cabotino ou pretensioso, o que detesto ser, conforme sabem os que me conhecem.

Colocado diante da questão, duas constatações me ocorreram: Uma, que estamos encerrando o mês de setembro, em que se comemoram os 464 anos da fundação da cidade de Vitória, o que resultou para mim na feliz coincidência de começar falando de uma navegação de vislumbres em torno de uma ilha mais

* Historiador, docente aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, e escritor.

¹ Palestra proferida no evento "Uma palavra com o autor", em 30 de setembro de 2015, no SESC-Glória, em Vitória.

que quatrocentona. A segunda constatação decorreu da percepção de que o livro *Navegação em torno da Ilha Vislumbrada* pode ser considerado parte de uma tríade de textos sobre a ilha de Vitória, escritos e publicados em três momentos diferentes, sem que tivesse havido, da minha parte, a predisposição de criar a trilogia.

Depois de escritos e publicados é que eu pude enxergar nos textos uma integração dentro da mesma linha criativa, resultante de um mecanismo subjetivo que se completou inconscientemente num jogo de verso e reverso de uma mesma moeda, sendo esta moeda a ilha de Vitória.

O marco inicial desses escritos está diretamente ligado à sempre lembrada revista *Você*, mantida de junho de 1992 a outubro de 1998 pela Universidade Federal do Espírito Santo, tendo inicialmente Reinaldo Santos Neves e Joca Simonetti como editores, além de outros, posteriormente, dentre os quais a jornalista Márcia Selvátice Tourinho.

Foi nas páginas da revista, na coluna “Escrivão da Frota”, que publiquei, com o pseudônimo de Luís de Almeida, o texto intitulado *A cidade invisível* que aborda a cidade de Vitória por um ângulo divertido, focando a velha e tradicional rivalidade entre peroás (de cor azul), e caramurus (de cor verde), que dividia a população em dois grupos opostos, na devoção a São Benedito, durante o século XIX e começo do seguinte.

O título e a inspiração da crônica vieram da obra *As cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino, obra que me permitiu enquadrar Vitória numa página de ficção em que juntei história e tradição popular numa narrativa obviamente irônica, a começar pela inversão do nome da cidade a que denominei **Airotiv**.

Para que fique claro do que estou falando, peço vênia para ler um trecho da crônica, então publicada na revista *Você*, de janeiro de 1994 – portanto há mais de vinte anos.

Vamos lá:

Chegava-se a Airotiv, cidade-peixe, através do mar. Um fartum piscoso dominava os ares e grudava-se nas pedras das vielas e nos muros das casas. O sol agudo tornava líquido o grude que escorria pelas paredes como suor grosso.

Quando batiam as chuvas, as águas desciam vertiginosas pelas estreitas ladeiras, mas não livravam a cidade do cheiro azedo de peixe. O banho de águas parecia acentuar o ranço de Airotiv e a cidade podia ser presentida a milhas de distância.

O bafio viajava no vento. Em lugares onde nunca se tinha ouvido falar de Airotiv sabia-se exatamente onde ela ficava. Bastava erguer o nariz e cheirar o ar. Muitos evitavam conhecê-la devido ao cheiro inóspito. Outros vinham atraídos por essa particularidade, que nenhuma outra cidade tinha.

Mal chegavam, Airotiv reservava-lhes uma surpresa. Dentro da particularidade que a distinguiu, uma segunda particularidade se impunha: a cidade-peixe se dividia em duas cidades-peixe.

Mas essas partes não estavam desligadas entre si como corpos independentes. Elas permaneciam inseparáveis, xifópagas. A existência de uma dependia da outra e as duas completavam uma só urbe, sendo a separação entre elas o que melhor integrava Airotiv em Airotiv.

As diferenças, no entanto, eram notáveis. Uma parte de Airotiv era verde, a outra azul. Assim, verde ou azul, em cada parte, eram as casas e as igrejas, a indumentária das pessoas e a epiderme dos seus habitantes. Conforme o lado em que vivessem, os moradores tinham sangue verde ou sangue azul, e quem não fosse verde ou não fosse azul simplesmente não existia em Airotiv.

Porque, diga-se agora ao visitante de passagem, o azul e o verde eram as cores símbolos das duas facções rivais em que a cidade se cindia, num antagonismo feroz e sagrado. Moças de epiderme azul, por exemplo, casavam-se sempre com rapazes de sua cor, o mesmo acontecendo com as moças de pele verde.

Nenhuma Julieta azul ousaria soltar as tranças para um Romeu de cabelos verdes, facilitando-lhe o acesso ao balcão com grades pintadas de azulão. Preferiam manter-se castas a violarem, em matrimônio espúrio, a cor do sangue e da pele e a virgindade do mesmo tom.

A única inversão de cores dava-se no calçado das mulheres: as de epiderme azul acalcanhavam chinelas verdes, e as de pele verde, chinelas azuis. Uma forma simbólica e provocativa de pisotear as cores adversárias.

O momento seguinte da trilogia veio com os textos sob o título *Navegação em torno da ilha vislumbrada*.

Deve ter sido em começos de 1998, porque os primeiros capítulos, do que pretendia ser um folhetim de navegação em torno da ilha de Vitória, chegaram a ser publicados nos dois últimos números da mesma *Você*, na fase em que a editoria da revista havia passado para o escritor Miguel Marvillá.

Infelizmente, o ambicioso projeto não passou dos primeiros capítulos, morrendo junto com *Você*, que encerrou carreira logo em seguida, no número 60.

Pode-se dizer que a minha *Navegação* afundou aí, para ficar mergulhada num arquivo de computador até retornar à tona, convertida em livro ilustrado com fotos de Pedro Nunes, cuja publicação foi aprovada na Lei Rubem Braga, do município de Vitória. Voltarei a falar da *Navegação* mais adiante, neste bate-papo.

Já o terceiro componente da trilogia – que, todavia, foi o segundo publicado – compreende o conjunto de textos que compuseram o livreto **CIDADILHA**, com o subtítulo “Crônica Inverossímil de uma Cidade Inexistente”.

Em CIDADILHA, eu me lancei a uma gozação meio que escrachada sobre a antiga cidade de Vitória, um **minifundilho** à margem do Atlântico.

CIDADILHA foi assim uma gozação literária com Vitória, uma brincadeira de quem buscou ressaltar o reverso de uma cidade-ilha (**daí Cidadilha**) que se opõe à visão enaltecedora daqueles para quem Vitória é para todo o sempre a tão badalada *Cidade Sol e Ilha do Mel*.

Essa inversão de foco visual, como a de alguém que usasse óculos de Pangloss com lentes de graduação pessimista, se mostra desde a capa de CIDADILHA, onde o desenho da velha cidade provincial aparece com pólos invertidos, ou seja, com o núcleo urbano em torno da igreja de Santiago, fundada pelos jesuítas, colocado à direita de quem olha o desenho, tendo no lado oposto o núcleo em

torno da igreja do Rosário, numa contraposição de imagens que não correspondem à realidade física da cidade vista de sua baía.

Tal inversão de elementos compositivos e também simbólicos permitiu, inclusive, no texto de abertura do livro, a brincadeira de desafiar o leitor a ganhar um doce se atinasse com a troca feita na imagem delineada na capa.

Para não ficar apenas na evidenciação do ambíguo simbolismo do desenho, e a fim de dar uma idéia mais clara do espírito da obra (ou do seu **espírito-de porco** poderão dizer alguns), permitam-me fazer também aqui a leitura de um dos textos iniciais de CIDADILHA, com o título de *Por que era melhor não ter chegado?*

Naqueles tempos marítimos desembarcava-se em Cidadilha no cais das Colunetas. Os navios baixavam os ferros no meio da baía e uma ponte elástica se estendia até eles, como língua de deboche, para acolher os visitantes. Sobre a ponte uma inscrição avisava: "Passe, passante, em passos que não sejam compassados para que em passos compassados não se dê seu passamento para a morte".

Era um alerta e um augúrio (mau augúrio) para que os visitantes se dessem pressa antes que a ponte se recolhesse ao ponto de origem, despejando no mar os retardatários distraídos.

Muitos deles, em sua lerdeza de recém-chegados, pereciam nas águas oleosas de Cidadilha pela demora em passar a ponte traiçoeira. A própria inscrição era um ardid para quem, sendo lerdo de leitura, quando dava por si estava afundando nas águas imundas da baía.

Pelo que foi lido, CIDADILHA é assim, do começo ao fim, um jogo de logros. Aliás, eu devo esta observação ao escritor Caco Appel que, com muita agudeza e precisão de síntese registrou, em um dos comentários publicados no seu livro LEITURAS, recentemente lançado, que, em CIDADILHA, "nunca antes a palavra logradouro significou o que parece, sem ser: lugar onde acontece o logro".

Muito bem! Dito o que foi dito, acredito que já tenha conseguido transmitir aos que me ouvem a visão de que CIDADILHA se trata de uma chacoalhão, posto que escrita com ternura e afeição pelo objeto retratado.

O contrário de CIDADILHA, como já disse, é a *Navegação em torno da Ilha Vislumbrada*.

Todos aqueles que, como eu, amam Vitória, constroem dela uma imagem mítica, com variações imaginárias de símbolos e totens. Vou citar dois escritores, como exemplos:

Reinaldo Santos Neves, no romance *Sueli*, enxerga um cenário labiríntico nas imediações da praça Costa Pereira, como itinerário de uma busca amorosa.

Por sua vez, dentro de outra ambiência de circuitos entrelaçados, típica do centro de Vitória, Bernadette Lyra, com a elegância literária que lhe é peculiar, difunde minotauros que ela própria descreveu como "sofredores da luz, chagados do ruído (...), que se escondem no silêncio", conforme se lê na crônica publicada em *A Gazeta*, no dia 7 deste mês, homenageando a ilha de Vitória.

Os textos que compõem o meu livro *Navegação* – sem qualquer intenção de fazer comparação com Reinaldo e Bernadette para eu não sair perdendo – celebram também a ilha de Vitória, pontuada por ícones entrevistados em lisérgicos transes literários, marcados por um sentimento de carinho **capixabista**, mas despojados de sentimentalismo piegas, apesar de algumas vezes tangidos pelo toque de ironia que permeia suas linhas e entrelinhas.

Essa característica creio que esteja expressa desde o começo da obra, onde se lê o seguinte, no seu "Prelúdio":

A ilha

A ilha é firme e dadivosa, encravada num anel de mar. Ao seu redor, ilhas menores se espalham – satélites magnetizados.

A ilha sempre amanhece com cara de terra nova. É um estímulo para que seus habitantes fiquem de bem com a vida.

À noite, a ilha é platônica e misteriosa e a pátina da maresia umedece discretamente os bancos das praças públicas. Pinguins que vêm da Antártida fazem turismo na ilha; baleias da Patagônia flanam em suas águas marítimas, em curso de quem está de férias.

São os mais estranhos seres que deram as caras na ilha porque nela nunca existiram hidras de sete cabeças, nem gigantes com um olho na frente. Os mitos que a engrandecem foram criados na purgação de brandura do magma dos relicários.

O trecho lido vale como prefixo, no estilo de *cidade-sol*, *ilha do mel*, para o conjunto que o segue, ainda que, algumas vezes, os textos seguintes não sejam nem tão ensolarados, nem tão melífluos assim. Mas é por aí que coisa rola...

Bem, meus amigos: são estes os comentários que eu desejava fazer sobre o livro que aqui está derramado em leque de centro de mesinha, pronto para ser **presenteado aos presentes**, em partilha de sorteio. Sei que me alonguei no tempo, e abusei da paciência dos que me ouviram, correndo o risco de ter falado no vazio das atenções ausentes.

Mas ousei o abuso porque a oportunidade me pareceu propícia para dizer o que disse. Colocando-me agora à disposição da intermediadora e daqueles que por acaso queiram fazer alguma pergunta, apelo para que sejam indulgentes no perguntar, porque o santo está desgastado e já passou da idade de fazer milagres, ainda que apenas literários.